

TOPOFILIA EM *TORTO ARADO*: PERCEPÇÕES AFETIVO-CULTURAIS NA OBRA DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Topophilia in Torto Arado: affective-cultural perceptions in the work of Itamar Vieira Júnior

Elisângela Campos Damasceno Sarmento

Instituto Federal do Piauí

elisceno@ifpi.edu.br

Recebido: 23/04/2024

Aceito: 11/12/2024

Resumo

Torto Arado é uma obra contemporânea, de autoria de Itamar Vieira Júnior, que foi publicada, em 2019, pela editora Todavia. O referido livro sensibiliza os seus leitores pela alta carga emotiva de grande parte dos (as) personagens na relação com um lugar fictício (“Água Negra”). Nesse contexto, este manuscrito tem por objetivo analisar a topofilia, presente na narrativa em epígrafe, na interlocução com a Geografia Humanista, além da Filosofia e Sociologia, a fim de evidenciar as percepções afetivo-culturais de uma comunidade quilombola, localizada no sertão da Bahia. Como método de pesquisa, adotou-se a “Análise do Discurso de Linha Francesa” (PÊCHEUX, 2008, p. 11; ORLANDI, 2012, p. 9). Desse modo, aponta-se, como principais resultados, que a topofilia em *Torto Arado* reflete um profundo sentimento de pertencimento histórico dos moradores na relação com o lugar de origem e / ou de sobrevivência, destinando a essa terra afeição, cuidado e proteção numa analogia ao termo “morada-ninho” (BACHELARD, 2008, p. 35). Portanto, os moradores de “Água Negra” transmitem resistência e resiliência, negando-se a abandonarem os seus lares, reivindicando, assim, a sua permanência como bens culturais e simbólicos do espaço historicamente habitado.

Palavras-chave: geografia humanista, literatura, pertencimento histórico.

Abstract

Torto Arado is a contemporary work written by Itamar Vieira Júnior, which was published in 2019 by the publisher Todavia. The book mentioned above sensitises its readers due to the high emotional charge of most of the characters in their relationship with a fictional place (“Água Negra”). In this context, this manuscript aims to analyse topophilia, present in the narrative above, in dialogue with Humanist Geography, in addition to Philosophy and Sociology, to highlight the affective-cultural perceptions of a quilombola community located in the sertão of Bahia. As a research method, “French Discourse Analysis” was adopted (PÊCHEUX, 2008, p. 11; ORLANDI, 2012, p. 9). Thus, the main results point out that topophilia in *Torto Arado* reflects a deep feeling of historical belonging of the residents in the relationship with the place of origin and/or survival, assigning affection, care and protection to this land in an analogy to the term “nest-dwelling” (BACHELARD, 2008, p. 35). Therefore, the residents of “Água Negra” transmit resistance and resilience, refusing to abandon their homes, thus claiming their permanence as cultural and symbolic assets of the historically inhabited space.

Keywords: humanistic geography, literature, historical belonging.

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante ressaltar que o livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, caracteriza-se como uma obra-prima do semiárido brasileiro, impregnada de representações sobre o sertão e o (a) sertanejo (a) baiano (a). Além disso, denotam-se, na narrativa em exame, fragmentos de pura emoção dos (as) personagens na interface com o lugar habitado – “Água Negra”, evidenciando, assim, o afeto e o sentimento de pertencimento histórico por esse espaço fictício, criado artisticamente pelo autor.

Nesse sentido, cabe salientar que, sobre esse relacionamento de afeição do ser humano com o espaço, destacam-se os estudos pioneiros do filósofo francês Gaston Bachelard, que publicou, em 1957, a obra *A Poética do Espaço*, trazendo à tona a subjetividade humana na interação com o local onde mora e nomeando essa relação de topofilia – termo que se remete à familiaridade e ao apego à terra onde habita – uma vez que *topo* denota lugar e *filia* relaciona-se à filiação. Mais adiante, em 1980, o geógrafo humanista chinês Yi-Fu Tuan, retomando essa noção, publica a obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, ampliando, assim, o arcabouço teórico dessa temática.

Ademais, é válido frisar que, em “Água Negra”, vive uma comunidade quilombola que foi explorada, ao longo de décadas, pelos donos da fazenda. Entretanto, esses moradores desenvolvem um sentimento de pertencimento histórico, que, segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells (2018, p. 54), representa “a fonte de significado e experiência de um povo”.

Desse modo, a principal problemática do presente estudo é investigar as contribuições de diversos campos epistêmicos, como, por exemplo, Literatura, Filosofia, Geografia Humanista e Sociologia, que se encontram intercambiadas na obra em apreço, configurando-se, assim, como uma fértil rede de comunicação topofílica, podendo desencadear profundas análises das relações entre o ser humano, o lugar habitado, a sociedade e a cultura.

Por conseguinte, é oportuno sublinhar que o presente artigo apresenta como objetivo precípua investigar a topofilia em *Torto Arado*, dialogando com a perspectiva filosófica de Bachelard (2008, p. 35), com as contribuições sociológicas de Castells (2018, p. 54) e com a Geografia Humanista (TUAN, 1980, p. 25), a fim de evidenciar as percepções afetivo-culturais de uma comunidade quilombola, localizada no sertão baiano.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Levando em conta esses elementos contextuais, ressalta-se que esta pesquisa ancora-se na obra *Torto Arado* (2019, p. 7-264), de Itamar Vieira Júnior, estruturada em três densas partes, que reúnem cinquenta e três capítulos.

Nesse contexto, com o objetivo de realizar a presente investigação, adotou-se o método da Análise do Discurso de Linha Francesa que, segundo Michel Pêcheux (2008, p. 11), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido.

Sob essa perspectiva, Eni Orlandi (2012, p. 9-10) corrobora a Análise do Discurso de Linha Francesa na qual considera os fatores históricos, sociais, culturais e simbólicos que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos que permeiam o texto em exame.

Acrescenta-se, também, que, na análise do discurso consoante Orlandi (2012, p. 10), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do homem / personagem, da mulher / personagem com a sua história e com as construções socioculturais em que estão inseridos.

Outrossim, busca-se, com a análise do discurso segundo Orlandi (2012, p. 12), explicitar os discursos velados da narrativa, validando tais sentidos através das considerações de suas condições de produção as quais compreendem, principalmente, o sujeito e a situação (contextos históricos, socioculturais e simbólicos).

Sendo assim, para construir o marco teórico deste artigo, foram acessadas dezessete publicações, como, por exemplo, artigos científicos, localizados em periódicos online e em anais de eventos disponíveis eletronicamente e que se referem às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books e livros de críticos literários brasileiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Literatura, conforme Antonio Candido (2009, p. 43), caracteriza-se como um profícuo substrato ao desvelamento do real. Desse modo, a prosa contemporânea traz - com *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, - uma representação do lugar (sertão), das pessoas (sertanejos e sertanejas) que nele vivem e de suas subjetividades na relação com o ambiente, a sociedade e a cultura.

Nessa tônica, cabe destacar a interface ente Literatura e Geografia. Sob esse viés, o geógrafo humanista chinês Yi-Fu Tuan (1980, p. 26), buscando investigar comportamentos

e relações entre o ser humano e o lugar habitado, utiliza, em seus estudos, o termo topofilia (emprestado da filosofia) - que indica a subjetividade do indivíduo na relação com o local onde vive, estabelecendo, nele e com ele, memórias e vivências afetivas.

A esse respeito, na obra em epígrafe, o escritor baiano Itamar Vieira Júnior descortina o sentimento de pertencimento à terra, como se observa no trecho a seguir: “Havia sido parido pela terra” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 63). Em outras palavras, o personagem “Zeca Chapéu Grande” demonstra o seu profundo amor ao lugar onde vive, mantendo, assim, uma ligação tão forte como a que existe entre uma mãe e um filho.

A partir disso e fundamentado na linha de raciocínio de Tuan (1982, p. 31), pode-se inferir que é a subjetividade (emoções, sentimentos), conectada ao meio, que sugere a construção da marcante ideia de topofilia, presente na obra *Torto Arado*. Essa noção, explícita na narrativa em exame, remete à familiaridade e ao apego ao lugar fictício “Água Negra”, localizado no sertão baiano.

Com vistas a corroborar essa íntima relação entre Literatura e Geografia Humanista, vale reiterar que, segundo Tuan (1983, p. 18), na obra *Espaço e Lugar, a perspectiva da experiência*, o emprego da ficção para captar sentimentos e emoções de personagens na dinâmica com o território em que estão fixados é de suma relevância, uma vez que ratifica a existência da topofilia como um elemento cultural do ser humano na interlocução com o ambiente.

Partindo dessa premissa, essas percepções afetivas na relação ser humano-ambiente ganham efervescência em grande parte da obra em estudo, conforme atesta o fragmento seguinte: “Como nessa jornada passaram a amar seu lugar!” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 189). Nesse contexto, destaca-se que os sertanejos mantêm um vínculo simbólico com o território onde vivem.

Sob essa perspectiva, convém registrar que, segundo Jan Simon Dutta (2020, p. 66), os territórios são inerentemente afetivos, e essa dimensão simbólica tem sido tratada comumente através da noção de topofilia, o que enfatiza o elo entre as pessoas e um lugar. Dessa forma, os sertanejos são tão apegados emocionalmente ao ambiente de morada e subsistência que este torna-se o “seu lugar” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 189). Em outros termos, tais sertanejos constroem uma profunda relação de pertencimento e amor com o solo que lhes dá sustento, assim como ocorre na obra em questão.

Sendo assim, Dutta (2020, p. 66) reverbera as contribuições de Tuan (1980, p. 26) quanto à existência latente do apego das pessoas ao lugar onde habitam, desencadeando, assim, uma íntima imbricação relativamente ao trinômio seres humanos-lugar-natureza.

Sob essa seara, as percepções topofílicas podem, certamente, ser encontradas na arte literária, visto que, de acordo com Candido (2009, p. 44), o objeto literário não existe sem a personagem de ficção e esta tem a vida traçada conforme certas condições de espaço que influenciam, diretamente, a sua trajetória na trama.

Nesse panorama, a topofilia em *Torto Arado* é vibrante, como se verifica na passagem a seguir “Quando deixei a casa pela porta do quintal, não pude evitar de olhar para trás... Enumerava as coisas que levava comigo e tudo o que deixaria para trás. Quase desisti nesse exato momento” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 76).

Outrossim, o apego à terra onde a personagem “Bibiana” nasceu e cresceu fica evidente no trecho acima. A esse respeito, o geógrafo Rogério Haesbaert (2004, p. 23) advoga que os seres humanos estão subjetivamente envolvidos com o lugar onde viveram. Daí, surge a noção de territórios afetivos, bastante explícita na narrativa em tela.

Dessarte, o termo territorialidade tem sido utilizado, conforme Haesbaert (2004, p. 24), para enfatizar a apropriação subjetiva do território e a construção de uma identidade territorial através de registros simbólicos, em oposição à outra vertente de análise que concebe o território relacionado à dominação político-econômica dos atores e ao controle de espaços. Nessa linha de raciocínio, o excerto supracitado vem coadunar a primeira perspectiva, exposta pelo referido autor.

De outra parte, é oportuno sublinhar que, do ponto de vista cultural, no sertão brasileiro, a ocorrência de chuva traz uma imensa alegria ao sertanejo / à sertaneja, despertando, ainda mais, a afetividade pelo lugar onde habita, conforme se pode denotar no trecho: “Chegaram as primeiras chuvas, e da terra subia um frescor que os trabalhadores chamavam de ventura. Vi as mulheres entoarem suas cantigas pelo caminho enquanto levavam suas roupas para lavar no rio que crescia em volume” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 80-81).

Nesse sentido, consoante o filósofo suíço Jean Jacques Rousseau (1986, p. 58), a natureza emana não só um espetáculo de beleza, como também desperta, no ser humano, uma possível projeção e contemplação. Isso posto, fica patente, no excerto acima, a felicidade e o bem-estar de sertanejos e sertanejos em meio a um cenário aprazível, de chuvas abundantes, trazendo ao lugar habitado uma atmosfera de dias melhores (topofilia).

Outro teórico que agrega contributos à discussão da temática topofílica é o filósofo francês Gaston Bachelard (2008, p. 35) que, na obra *A poética do Espaço*, revela que a intimidade com o lugar se dá por meio da construção do afeto, tal qual ocorre na obra em apreço: “Não tardou muito para as primeiras gotas de chuva caírem do céu, e mesmo com

todo desalento em que nossa casa havia afundado com a partida de Bibiana, minha mãe sorriu e colocou os tonéis para encherem de água” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 80).

Nessa perspectiva, observa-se, no fragmento supratranscrito, que o sertão baiano, delineado por Itamar Vieira Júnior, renova-se em razão das chuvas, revigorando a esperança de sertanejos e sertanejas em meio a uma terra úmida com promessa de fartura, despertando, assim, sentimentos topofílicos na relação com “Água Negra”. Dessa forma, segundo Bachelard (2008, p. 34), esse lugar fictício simboliza uma morada, um ambiente seguro aos seus habitantes, fazendo com que sintam um profundo apego (topofilia) a esse chão.

Sob esse viés, Bachelard (2008, p. 35) expõe que os territórios afetivos configuram-se, frequentemente, como uma morada, que representa um possível refúgio, trazendo, em sua essência, um sentimento de proteção, que se assemelha a um abrigo seguro. Partindo desse pressuposto, surge, então, o léxico “morada-ninho” (topofilia), postulado pela linguagem poética bachelardiana.

Em vista disso, assinala-se que “Água Negra”, espaço predominante da narrativa *Torto Arado*, representa esse refúgio, um abrigo seguro, em virtude de tempos difíceis em decorrência da seca e do desemprego: “Foi um tempo difícil... As roças da Fazenda Caxangá começavam a sofrer com uma nova estiagem... E eu precisava partir, em busca de trabalho... Cheguei à Água Negra” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 162-163).

Assim sendo, infere-se que “Água Negra” se caracteriza como essa “morada-ninho” (BACHELARD, 2008, p. 35) para os retirantes que lá chegaram, fixaram-se à terra e se estabeleceram, tendo, pois, com esse lugar uma relação de afetividade e respeito, como se verifica no trecho seguinte: “Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias...” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 166).

Nesse íterim, o cuidado com a terra é uma demonstração de carinho e afeto (topofilia) pelo lugar de origem. Dessarte, como pondera Bachelard (2008, p. 34), o ser humano tem uma intimidade especial (topofilia) pelos espaços que lhe transmitem cuidado e proteção. De modo análogo, isso pode ser identificado no seguinte trecho: “Para muitos era impossível se imaginarem longe de Água Negra” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 175).

Outrossim, sob a linha de pensamento bachelardiano, sublinha-se que o ser humano vive em busca de um lar no mundo, quer seja um migrante, devido às estiagens prolongadas no sertão baiano, como na obra em exame, quer seja um indivíduo ansioso à procura de refúgio para superar as intempéries da vida. Sob esse prisma topofílico, Sarmiento e Moura (2021, p. 1081) ponderam que os territórios são inegavelmente afetivos,

uma vez que o ser humano, conectado ao ambiente, libera a sua subjetividade, emanando sentimentos e emoções.

Revisitando *Torto Arado*, pode-se inferir que essa luta por uma “morada-ninho” (BACHELARD, 2008, p. 35) é intensa, como se pode registrar nos fragmentos a seguir: “Buscava um lugar onde pudesse plantar e colher. onde tivesse uma tapera para chamar de casa” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 180); “Mas não irão nos dobrar. Não deixaremos Água Negra” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 196).

Nesse contexto, reitera-se que “Água Negra” representa o lar (numa visão topofílica) de uma comunidade quilombola: “nossos antepassados migraram para as terras de Água Negra, porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da abolição” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 175). Desse modo, fica evidente o sentimento de pertencimento histórico ao lugar de origem (topofilia), representando, assim, muito mais do que um solo árido, mas a presença viva de suas memórias culturais e afetivas.

Outra corrente filosófica do habitar afetivo vem do alemão Martin Heidegger (2010, p. 74). Nessa direção, o filósofo ressalta que é preciso habitar a Terra com o resguardo atento e cuidadoso, para que a essência (a natureza) seja um legado perene às gerações futuras, como faziam os habitantes da fazenda “Água Negra”: “Quiseram impedir a pesca com a desculpa de que era para proteger os rios. Como se não fosse a gente que cuidasse das coisas. Como se não fôssemos parte de tudo isso” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 196).

Analisando o excerto acima, depreende-se que a perspectiva dos moradores de “Água Negra” reverbera a teoria de Heidegger (2010, p. 74), destacando a importância do cuidado com a “Casa Comum”, com o fito de que os bens naturais sejam garantidos às gerações presentes e perpassados às futuras, possibilitando, assim, a permanência e a sobrevivência na terra onde habitam.

Em outras palavras, torna-se imperativo cultivar a terra e cuidar dos mananciais hídricos com a proteção que se lança à sua própria casa, ou seja, criando afeto e intimidade (topofilia). Sendo assim, na concepção do autor alemão, deve-se construir, nos lugares onde cada um se estabelece, um lar, afastando-o de qualquer perigo ou destruição iminente, a fim de que se possa habitar e assegurar morada aos seus descendentes.

Sob essa tônica, realça-se que a comunidade afrodescendente que habitava “Água Negra” se sentia parte daquela terra numa relação de pertencimento e cuidado que coaduna a noção de topofilia. Nessa conjuntura, pode-se afirmar que, de acordo com Santos *et al.* (2022, p. 12), os quilombos remanescentes são áreas ocupadas por grupos

étnico-raciais com laços de pertencimento, que se configuram com a presunção de ancestralidade negra.

Dessa maneira, faz-se imperioso compreender a necessidade de reconhecimento do processo de regularização das terras quilombolas, visto que é primordial para a preservação e continuidade da memória coletiva das comunidades e culturas afrodescendentes. Sobre isso, a obra *Torto Arado* relata: “O novo dono fazia uma movimentação contrária à nossa morada, talvez porque soubesse que, pelo tempo que tínhamos ali, a justiça nos reservava algum direito” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 174).

Isso posto, é importante denotar que a luta pela posse de parte da fazenda “Água Negra” passou a integrar o sonho da grande maioria de seus habitantes a partir da disseminação do conhecimento que os mais jovens iam adquirindo por meio da educação: “Sentiram vontade de retornar, à medida que foram acumulando informações sobre o que era pertencer a uma comunidade. Temos direito à terra. Somos quilombolas. Era um desejo de liberdade que crescia” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 166).

Nessa tônica, cabe frisar que, para Santos *et al.* (2022, p. 13), a resistência e a autonomia são características intrínsecas ao que se chama de quilombo, uma vez que esse termo remete ao movimento de transição da condição de escravo negro para a de camponês livre. Sob essa ótica, segundo os autores supracitados, a classificação de comunidade como quilombola não se baseia em provas de um passado de rebelião e isolamento, mas depende, antes de tudo, de como aquele grupo se compreende e se define.

Sob essa esteira, a autoidentificação de comunidades como quilombolas é de suma importância, a fim de que o processo de reconhecimento legal ganhe impulso. Para tanto, a organização, a luta e a resistência dos moradores desses territórios representam significativo diferencial para a conquista da demarcação de suas terras, percebidas como um direito coletivo.

De tal forma, pode-se constatar que os moradores de “Água Negra” se identificavam como quilombolas e como tais, por meio do engajamento social, buscavam o reconhecimento de seus direitos: “Muitos de nós, a maioria, nasceu nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Então, temos direito a ela. Somos quilombolas. Somos parte da terra e lutaremos por ela” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 194).

Partindo do princípio da autodefinição para o reconhecimento dos povos quilombolas, Jucá (2018, p. 21) pondera que esse critério pode facilitar o processo de efetivação do direito fundamental à existência e à memória das comunidades

remanescentes de quilombo, para que sejam preservadas e respeitadas as suas manifestações culturais e vida social.

Em vista disso, a autoidentificação de uma comunidade como quilombola, conforme Salomão e Castro (2018, p. 240), permite ao grupo se legitimar em um território e construir a sua identidade para usufruir dos bens materiais e simbólicos. Sendo assim, esse lugar passa a ter um significado afetivo (topofilia) por estar impregnado de signos, símbolos, objetos, paisagens, heranças e resistências.

Por conseguinte, as comunidades quilombolas, segundo Castells (2018, p. 55), representam territórios afetivos e se constituem pela identidade desses povos que estabelecem com o lugar habitado uma relação de pertencimento histórico, que abrange o sentimento de enraizamento e a criação de laços de afeto e de apego ao solo onde nasceram, cresceram e pretendem ser enterrados, de modo análogo ao que ocorreu com a comunidade que se formou em “Água Negra”, espaço fictício da obra *Torto Arado*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido acima, pode-se reiterar que a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, apresenta contributos às percepções topofílicas na Literatura, na relação com a Geografia Humanista, além da marcante imbricação com a Filosofia e a Sociologia. Dessa forma, os trechos evidenciados neste manuscrito trazem à tona a topofilia do (a) sertanejo (a) baiano (a) na interlocução com o lugar habitado - “Água Negra”.

Somado a isso, é importante realçar que, com o processo de educação vivenciado pela população mais jovem de “Água Negra”, foi possível a conscientização coletiva, tendo em vista a sua autoidentificação como uma comunidade quilombola. Sendo assim, os seus habitantes passaram a lutar pelo direito à terra onde nasceram e cresceram, desenvolvendo por ela um sentimento de pertencimento histórico, capaz de aguçar a resistência e a resiliência desses moradores em prol do lugar pelo qual tinham profundo amor e noção de cuidado.

Sob essa ótica, o presente artigo cumpre com o objetivo proposto ao explicitar excertos literários da obra em apreço que traduzem a afetividade (topofilia) dos (as) personagens na relação com o local habitado, sendo, pois, partes indissociáveis (bens culturais e humanos) de “Água Negra”. Simultaneamente, este manuscrito sinaliza os explícitos contributos de áreas, como Literatura, Filosofia, Geografia Humanista e Sociologia, que se inter cruzam na obra em exame, caracterizando-se, assim, como uma fértil rede de comunicação topofílica.

Portanto, este estudo traz uma inusitada (re) leitura de *Torto Arado*, podendo inspirar outras análises e futuras pesquisas interdisciplinares que envolvam as Ciências Humanas e a Literatura, uma vez que os textos literários desencadeiam uma carga polissêmica e epistêmica transversal.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242p.

CANDIDO, A. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.128p.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. 602p.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 396p.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2010. 267p.

HUTTA, J. S. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Revista Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 63-89, 2020.

JUCÁ, A. R. D. J. **Direito à terra e a proteção da memória ancestral quilombola**. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Direito) - Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. SP. Pontes/UNICAMP, 2012. 100p.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008. 68p.

ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília - Hucitec, 1986. 187p.

SALOMÃO, F. V.; CASTRO, C. V. A identidade quilombola: Territorialidade étnica e proteção jurídica. **Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito/UFRGS**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 236-255, 2018.

SANTOS, D. T. G.; KEITEL, A. S. P.; ROCHA, M. L. V. Os territórios quilombolas como espaços de construção e preservação da identidade: um estudo na comunidade quilombola de Júlio Borges-RS. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, v. 9, p. 1-31, 2022.

SARMENTO, E. C. D.; MOURA, G. J. B. Topofilia e Topofobia em O Sertanejo: Uma Análise Ecocrítica do Regionalismo Alencarino. **Revista Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 31, n. 67, p. 1078-1094, 2021.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (trad.) Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. 298p.

TUAN, Y. Geografia Humanista. In: CRISTOFOLETI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 29-40.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 248p.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019. 264p.

Recebido: 23/04/2024

Aceito: 11/12/2024